

EDUCAR PARA ALÉM DOS INDICADORES: A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL COMO MEDIAÇÃO HUMANIZADORA

Alexsandro Oliveira¹
Fabiane Escouto Mirapalheta²
Camila de Castro Guerreiro³
Lílian de Aguiar Dutra⁴
Natália Garcia Guerreiro Gowert⁵

INTRODUÇÃO

O cenário das políticas educacionais no Brasil tem sido, de forma inegável, moldado pela ascensão de uma racionalidade técnica de cunho gerencialista. Esta perspectiva se materializa na intensa priorização de sistemas de avaliação em larga escala, na busca obsessiva por indicadores mensuráveis e na adoção de modelos de gestão inspirados na lógica empresarial. Essa abordagem, que Lima e Hypolito (2021) caracterizam como "políticas baseadas em evidências", gera uma reconfiguração profunda do trabalho docente e da administração escolar, estabelecendo um foco constante de tensão no cotidiano da escola pública.

Contudo, essa ênfase nos dados quantitativos, embora almeje a eficiência e a *accountability*, carrega um risco pedagógico e ético significativo: o de silenciar as dimensões mais vitais e subjetivas do processo educativo. Ao concentrar-se no produto final, o índice de aprovação ou a nota, essa racionalidade tende a tornar invisíveis as vozes dos estudantes, suas trajetórias singulares e a profundidade de seus projetos de vida. O aluno pode ser, inadvertidamente, reduzido a uma mera variável estatística dentro de um sistema de performance.

É nesse contexto de intensa disputa epistemológica e prática que se insere o presente artigo. Este trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica mais abrangente, fundamentada na experiência vivida na EEEM Professor Carlos Lorea Pinto, uma escola de Ensino Médio em Tempo Integral da rede estadual do Rio Grande do Sul, que adota o modelo pedagógico da "Escola da Escolha". Nosso objetivo primordial é, justamente,

¹ Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande - RS, Mestrando pelo PPGEduc UNIPAMPA alexsandro-oliveira@educar.rs.gov.br;;

² Graduada pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas- RS, Mestranda pelo PPGEduc FFRG fabiescouto@gmail;

³ Doutoranda em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas - RS, camila.edufis@gm;

⁴ Graduada pelo Curso de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande - RS, lyka_dutra@gmail.com;

⁵ Mestranda em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - RS, guerreironati@gmail.com;



problematizar os efeitos práticos e simbólicos dessa racionalidade técnica no interior da escola, destacando as formas de resistência e mediação que se manifestam em defesa da primazia da formação humana.

Neste ambiente específico da escola em Tempo Integral, que valoriza o Protagonismo Juvenil e a elaboração do Projeto de Vida (PV), argumentamos que a Orientação Educacional (OE) assume um papel político e pedagógico crucial. Longe de ser um mero aparato de controle destinado a ajustar os estudantes às normas e metas de desempenho, a OE tem se estabelecido como um espaço de resistência e mediação. Seu trabalho consiste em garantir que a escuta sensível e a formação integral dos sujeitos prevaleçam sobre a instrumentalização do currículo e a frieza dos indicadores.

Para desenvolver essa análise de forma consistente e aprofundada, o artigo se estrutura da seguinte forma: o Título 2 detalha a Metodologia; o Título 3 apresenta os Resultados e Discussão; e o Título 4 traz a Conclusão.

METODOLOGIA

A investigação aqui apresentada não se contenta com a superfície dos indicadores de desempenho; ela mergulha na tessitura do cotidiano escolar, buscando capturar os sentidos e as práticas que resistem à simplificação gerencialista. Por essa razão, a pesquisa ancora-se firmemente em uma abordagem qualitativa, adotando elementos etnográficos como lente principal. A opção pelo viés etnográfico se justifica pela necessidade de "desvendar os códigos culturais e as relações de poder" (GEERTZ, 1989, p. 4) que se manifestam na EEEM Professor Carlos Lorea Pinto, permitindo a compreensão de como as políticas de governo se desviam nas interações do chão da escola.

A pesquisa qualitativa em educação, conforme argumenta Alarcão (2011), é essencial para a construção de uma escola reflexiva, pois exige do pesquisador a capacidade de olhar para além do mensurável, dedicando-se à compreensão da complexidade humana e institucional. O período de produção de dados estendeu-se ao longo dos anos letivos de 2024 e 2025, um tempo dilatado que se mostrou fundamental para a imersão e a compreensão da dinâmica escolar em seu movimento contínuo de adaptação e resistência.

A produção de dados foi um processo dialógico e multifacetado, organizado em torno das seguintes estratégias:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do cotidiano da EEEM Professor Carlos Lorea Pinto, à luz dos dados coletados e documentais, revela um cenário dinâmico e tenso, marcado por uma verdadeira batalha de concepções sobre a finalidade da educação.

3.1. A Instrumentalização do Trabalho Pedagógico e a Lógica de Resultados

A influência das políticas baseadas em evidências (LIMA; HYPOLITO, 2021) é sentida na escola através de uma "pressão por resultados, evidenciada em planilhas, metas de aprovação e combate à evasão". Essa lógica impõe uma visão de educação que instrumentaliza o trabalho pedagógico. Tal tendência, como bem analisam Oliveira e Hypolito (2020), leva à precarização e à intensificação do trabalho docente, transformando o educador em um "executor de tarefas pré-definidas" e pouco reflexivas.

3.2. Fissuras na Racionalidade Técnica: O Projeto de Vida e o Protagonismo

Em um movimento de contratensão, o modelo da "Escola da Escolha" e sua ênfase na construção do Projeto de Vida (PV) abrem "fissuras nessa racionalidade técnica". A valorização do protagonismo juvenil e a criação de tempos e espaços dedicados ao diálogo, como a mentoria, os clubes de protagonismo e a própria ação acolhedora da orientação educacional, funcionam como elementos que criam condições para a emergência de práticas humanizadoras.

É exatamente neste interstício entre a exigência burocrática e a potência do sujeito que a atuação da Orientação Educacional (OE) se torna profundamente estratégica. Ao invés de operar como um mero "dispositivo de controle e ajustamento dos estudantes às normas e metas", a OE se constitui em uma ponte mediadora, buscando gerenciar dados e planilhas, sem jamais perder de vista a singularidade de cada estudante.

3.3. A Orientação Educacional como Prática de Liberdade e Reconhecimento

O trabalho da Orientação Educacional, pautado na escuta sensível, promove um ato fundamental de reconhecimento. Acolher a narrativa do estudante reverbera a importância do "lugar de fala", conceito central em Ribeiro(2017). Ao garantir que as



narrativas e singularidades dos jovens sejam "reconhecidas e valorizadas", a OE transcende a função disciplinar.

O acompanhamento dos Projetos de Vida, por sua vez, opera o resgate da dimensão do desejo e da autoria, aspectos cruciais para a reflexão de Fernández(1991). A OE atua para que a escola não seja apenas um "espaço de passagem e preparação para avaliações externas", mas um lugar de "construção de sentidos, de cuidado e de formação para a autonomia". Essa prática pedagógica, profundamente ética e política, encontra um poderoso eco no pensamento de hooks(2013), para quem a educação deve ser uma prática que não apenas dialoga com a liberdade, mas que a materializa:

"Ensinar para transgredir é um movimento em direção à liberdade... significa que educadores e estudantes podem juntos se engajar na construção de um conhecimento que é um ato de resistência." (hooks, 2013, p. 13)

A OE, ao mediar as tensões, insiste em uma educação que, inspirada pelo "movimento negro educador" (Gomes, 2017), é comprometida com a emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Urgência da Educação Emancipatória em Tempos de Padronização

A análise realizada neste trabalho reafirma a urgência de se conceber e praticar a educação para além da lógica fria dos indicadores. A experiência vivenciada na EEEM Professor Carlos Lorea Pinto demonstrou que a resistência e a reinvenção são possíveis, mesmo sob o peso de uma racionalidade técnica e de modelos educacionais focados em lógica empresarial e gerencialista. A Orientação Educacional (OE) emerge, neste contexto, como uma peça-chave e politicamente estratégica, mediando as tensões entre as exigências de metas e as necessidades concretas dos sujeitos escolares.

Para que essa mediação seja efetiva, a escola precisa se constituir como um organismo vivo e reflexivo. Defende-se a valorização de um ambiente escolar que se pensa, se avalia e se reconstrói coletivamente. A proposta de uma "escola reflexiva", tal como articulada por Alarcão(2011), é o horizonte que deve guiar a prática educacional. Alarcão sustenta que a reflexão é o motor da transformação:

"Uma escola é uma organização reflexiva quando é uma comunidade que aprende, quando se preocupa com o desenvolvimento profissional e com a aprendizagem de todos os seus membros." (ALARCÃO, 2011, p. 11)



Em um momento histórico marcado pela padronização, educar é, intrinsecamente, um ato político de resistência. Este ato exige o reconhecimento da diversidade e a luta por uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e emancipatória, incorporando as reflexões de hooks(2013) e do "movimento negro educador" (Gomes, 2017).

Em última análise, compreende-se que a luta por uma educação que seja, acima de tudo, emancipatória, cidadã e profundamente humana é não apenas necessária, mas exequível, desde que o diálogo e o cuidado sejam mantidos como prioridades inegociáveis.

Palavras-chave: ciências da educação, políticas baseadas em evidência, escola da escolha, orientação educacional, ensino médio em tempo integral.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes, práticas e articulações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

hooks, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIMA, L. C.; HYPOLITO, A. M. Políticas educacionais, gerencialismo e educação democrática. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, e260034, 2021.

OLIVEIRA, A.; HYPOLITO, A. M. O trabalho docente em tempos de novas políticas educacionais. In: HYPOLITO, A. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 123-145.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

